

O DIÁRIO DE HELGA

Helga Weiss

O DIÁRIO DE HELGA
A Vida num Campo de Concentração
pelos Olhos de uma Jovem

Edição de NEIL BERMEL
Tradução de RITA GUERRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

PREFÁCIO

Com a idade, vamos regressando cada vez mais ao passado. Para minha surpresa, descubro agora que, no fundo, nunca o deixei. Passados alguns anos, voltei a ler o meu diário — cuidadosamente, do princípio ao fim — com alguma nostalgia, tenho de o admitir, e, em diversas passagens, com grande emoção.

Não sei bem como começar a escrever um prefácio ao meu diário ou porque o deva fazer. Tudo o que era importante registei-o há mais de sessenta anos. Escrevi as minhas experiências e pensamentos, primeiro em cadernos, depois em folhas soltas. A escrita é infantil, o estilo prolixo, ingénuo. Ainda assim, trata-se de um retrato fiel do período em que a minha geração viveu, cresceu e morreu. Já muito foi escrito, muito foi esquecido, e por vezes algumas questões deliberadamente suprimidas e distorcidas. Gosto das coisas arrumadas e não quero deixar para trás uma grande confusão. É chegada a hora de organizar os meus bens.

Ao longo dos anos, fui acumulando um grande número de documentos. Não gosto de papéis e, por isso, os meus estão algo caóticos. Foi assim que me deparei com o meu diário, guardado há anos e quase esquecido no fundo de uma gaveta. Uma pilha de papéis amarelados, escritos a lápis, nalguns pontos quase ilegíveis. Acompanhei os tempos; aprendi a usar um computador e assim, página a página, bati os meus textos.

Dei por mim a apagar coisas, a encurtar frases longas, a omitir orações, a escolher palavras e expressões mais adequadas. Alguns podem defender que há necessidade de uma edição profissional. No entanto,

as minhas experiências neste campo não têm sido boas. Já houve muitos artigos, programas de rádio e relatórios sobre as minhas aventuras. As intervenções editoriais alteraram, com frequência, a sua lógica, distorcendo ou falseando acontecimentos verdadeiros. Temo que, com alterações, a autenticidade e força da narração se percam. Espero que o leitor possa tratar este diário com simpatia e que o aceite por aquilo que ele é.

O meu diário começa em Praga, em 1938; descreve a ocupação da Checoslováquia e as condições existentes — sobretudo as diretivas antissemitas no Protetorado e a vida no gueto de Terezín. Antes da nossa deportação de Terezín para Auschwitz (setembro-outubro de 1944), entreguei o diário ao meu tio Josef Pólak, que o escondeu, juntamente com os meus desenhos, na parede de um edifício, preservando-os deste modo. Pouco depois da guerra (1945-1946), terminei o meu diário de Terezín e aponteí tudo o que tinha vivido nos outros campos de concentração (Auschwitz, Freiberg, Mauthausen), onde não tivera a mínima oportunidade para escrever.

Registei estes acontecimentos à medida que me vinham à memória, de forma espontânea, rápida, sob a pressão das experiências que me preenchiam. Escrevi em folhas de papel soltas, sem sequer numerar as páginas. Não me ocorreu verificar as datas — em muitos casos nem sequer as apontara —, e, de qualquer forma, na altura, os historiadores ainda estavam no início dos seus estudos. As publicações académicas não começaram a ser publicadas senão muito mais tarde, depois de eu ter terminado o meu diário.

Ao preparar o diário para ser publicado sob a forma de um livro, não foi fácil organizar os acontecimentos por ordem cronológica. Se não fui bem-sucedida, possam os meus leitores mostrar-se tolerantes. Não sou uma historiadora e o meu livro não é uma obra de erudição. A minha prioridade, o mais importante para mim, foram os acontecimentos e as experiências, e desses lembro-me de forma bastante precisa, até à data.

Os factos fiáveis podem ser encontrados na literatura académica. Graças aos manuais de história, os estudantes podem aprender que, durante a Segunda Guerra Mundial, pereceram seis milhões de judeus. Os números precisos foram contabilizados e preservados em bases de

dados. Basta um clique no computador que as datas e os números aparecerão.

Cada número, contudo, contém um destino humano, uma história. O meu diário é apenas uma deles.

Terminei as minhas notas com o nosso regresso a Praga, em maio de 1945, e com as palavras «por fim, em casa». No entanto, não havia casa aonde regressar. Eu e a minha mãe não tínhamos para onde ir; o meu pai nunca voltou, e o nosso antigo apartamento fora ocupado. Eu tinha quinze anos e meio e, acima de tudo, precisava de compensar os anos de ensino perdidos. Começámos uma vida nova.

Helga Weiss
Praga, 2012

PRAGA

O que é que eles querem dizer com «mobilização»? Todos os homens jovens têm de se alistar. Porquê? Não há muito tempo só se falava na Áustria e agora é, outra vez, a mobilização. As pessoas não conseguem falar de mais nada, mas o que é? Porque é que a minha mãe e o meu pai não estão em casa, hoje? Em vez de me dizerem o que é esta mobilização, foram ouvir rádio. De qualquer forma, tal não passa de uma desculpa, porque podiam ouvir rádio em casa. Eles devem ter ido a casa dos amigos para poderem falar sobre a mobilização. O que pensarão de mim? Que ainda sou uma criancinha com quem não podem falar sobre nada? Já sou crescida, em breve farei nove anos. Meu Deus, a que horas tocam a rebate os sinos? Tenho de ir às aulas amanhã e ainda não estou a dormir. Esta tolice da mobilização fez-me esquecer por completo a escola.

Que *raid* aéreo? Para a cave — agora, de noite? Porque é que me estás a levantar, mamã? O que foi, o que está acontecer? O que estás a fazer? Não me podes vestir a roupa por cima do pijama...

O gongo acabou de soar no corredor, chamando-nos para o abrigo. O meu pai andava de um lado para o outro no vestíbulo, impacientemente, e a minha mãe mal me conseguiu vestir as roupas da ginástica antes de corrermos para a cave. O porteiro abriu a velha arrecadação que deveria servir de abrigo. Não havia muito espaço; ficámos apertados uns contra os outros, mas, pelo menos, coubemos

todos. A princípio ninguém falou, mas os olhos temerosos perguntavam: «O que é que vai acontecer; o que é que isto significa?» No entanto, passado pouco tempo, o estado de espírito melhorou. Os homens tentaram acalmar as mulheres, embora estivessem igualmente transtornados. Tinham mais autocontrolo e eram capazes de fazer piadas. Cerca de meia hora depois, o grito das sirenes anunciou o fim do *raid* aéreo. Todos regressaram aos seus apartamentos. Os pais da minha amiga convidaram-nos para passarmos o resto da noite em casa deles. Mandaram-nos dormir, a mim e à Eva; os nossos pais ficaram na outra sala, a ouvir rádio. Dormir estava fora de questão. Porque é que nós, crianças, tínhamos de dormir se todos os outros estavam acordados? E quando, por fim, fechámos os olhos, a sirene voltou a ulular. Aconteceu por mais três vezes nessa noite, e, a cada uma delas, fomos para o abrigo.

Não dormimos de todo nessa noite. Nós, as crianças, mal podíamos esperar pela manhã. Íamos ter tanto para contar às pessoas no dia seguinte, na escola. Talvez não houvesse escola; isso seria fantástico. Os adultos tinham outras coisas com que se preocupar, por isso não ficaram tão satisfeitos quando a sirene tocou. Mas, felizmente, correu tudo bem. Eram apenas falsos alarmes e não houve nenhum *raid* aéreo.

*

De manhã, fui à escola. As aulas não serviram de muito. Estávamos todos excitados e cansados da noite anterior. Contámos uns aos outros as nossas aventuras noturnas. Tivemos do que falar durante todo o dia. Depois do almoço (que não foi muito bom; ninguém estava com cabeça para cozinhar), os moradores voltaram a reunir-se no abrigo. Desta vez não foi por causa de nenhum *raid* aéreo mas para podermos limpar o abrigo, para o caso de termos de passar mais uma noite lá dentro. Deitámos fora todas as coisas que deviam estar no lixo; as mulheres puseram-se a varrer e a esfregar, enquanto os homens reuniam *kits* de primeiros socorros e faziam uma saída secreta. As mães fizeram camas para nós, usando os armários. Por fim, cada um trouxe uma mala com víveres. Passámos algum tempo a conversar e, depois,

fomos todos para casa e esperámos, ansiosamente, para ver o que a noite nos traria. Contra todas as expectativas, isto decorreu calmamente. Apesar de tudo, o pai da Eva e o meu achavam que era demasiado perigoso ficar em Praga. Nessa mesma tarde, saíram à procura de um apartamento adequado no exterior de Praga, onde pudéssemos ficar até passar o perigo. Alugaram dois quartos numa pequena vivenda na aldeia de Úvaly. Entretanto, as nossas mães fizeram as malas e, no dia seguinte, partimos.



Quando vimos que não havia qualquer perigo a ameaçar Praga, regressámos a casa. Entretanto, o nosso presidente, Eduard Beneš, tinha-se demitido e Emil Hácha ocupara o seu lugar. Chamaram-lhe a Segunda República. Depois disso, houve paz durante algum tempo, mas não muito. Certo dia, o nosso presidente foi chamado a Berlim para discutir o futuro da Checoslováquia. Por todo o país, havia grande excitação. As pessoas sentiam que nada de bom poderia sair dali, e não estavam enganadas.



15 de março de 1939

De manhã, quando acordei, a minha mãe e o meu pai estavam sentados junto ao rádio, as cabeças, baixas. A princípio, eu não sabia o que tinha acontecido, mas depressa percebi. Uma voz trémula erguia-se do aparelho: «Esta manhã, às 6h30, o exército alemão atravessou a fronteira checoslovaca.» Não compreendi verdadeiramente o significado daquelas palavras, mas senti nelas algo de terrível. O locutor repetiu por várias vezes: «Mantem a calma e a compostura!» Deixei-me ficar na cama durante mais algum tempo. O meu pai veio ter comigo e sentou-se ao meu lado, na cama. A sua expressão era séria e eu percebi que ele estava muito perturbado. Não me disse uma palavra. Peguei-lhe na

mão; senti-a a tremer. O silêncio era geral, interrompido apenas pelo fraco tiquetaque do relógio. Havia algo de pesado no ar. Ninguém queria quebrar o silêncio desconfortável. Ficámos assim durante vários minutos. Depois, vesti-me e fui para a escola. A minha mãe foi comigo. Ao longo do caminho, cruzámo-nos com rostos familiares e desconhecidos. Podíamos ler o mesmo nos olhos de todos eles: medo, tristeza e a pergunta: «O que vai acontecer a seguir?»

Na escola, o ambiente era triste. As conversas alegres e o riso despreocupado das crianças tinham-se transformado em murmúrios assustados. Podíamos ver aglomerados de raparigas embrenhadas em conversas, nos corredores e nas salas de aula. Depois do toque da campainha, fomos para as nossas salas. Pouco se ensinou. A seguir às aulas eram muitos os pais que estavam à nossa espera. A minha mãe veio buscar-me. A caminho de casa vimos montes de carros e de tanques alemães. O tempo estava frio; chovia, nevava, o vento uivava. Era como se a natureza protestasse.



Desta forma, ficámos sob a «proteção» do Reich Alemão, sem sabermos como nem de quê. Também recebemos um novo nome. Em vez de Checoslováquia passámos a ser o Protetorado da Boémia e Morávia.

A partir de 15 de março, não houve um único dia calmo. Têm sido emitidas ordens, uma atrás da outra, que nos reprimem e ferem, mais e mais. Não há um dia que passe sem que seja gerada uma nova perturbação. O pior abateu-se sobre nós, judeus. Empilham tudo nas nossas costas. Somos a causa de uma coisa após outra, tudo é culpa nossa, embora não tenhamos feito nada. Não podemos evitar o facto de sermos judeus e também não podemos evitar qualquer uma dessas outras coisas. Ninguém pergunta; sentem que têm de derramar a sua raiva sobre alguém e quem melhor para isso do que — claro — os judeus. O antissemitismo está a aumentar; os jornais estão repletos de artigos contra os judeus.

*

As ordens contra os judeus estão a ser cada vez mais. A notícia de que os judeus não podiam continuar a ocupar posições no governo provocou um clamor entre as famílias judaicas. Depois, nenhum ariano (uma palavra anteriormente estranha) podia empregar um judeu não-ariano. Agora, as notícias não param de vir, uma e outra vez, ordem após ordem. Quase não sabemos o que podemos ou não fazer. É proibido visitar cafés, cinemas, teatros, recreios, parques... São tantas coisas que eu nem me consigo lembrar de todas. Entre outras, houve também uma ordem que me perturbou muito: a expulsão das crianças judias das escolas estatais. Quando descobri, fiquei triste. Depois das férias deveria passar para o 5.º Ano. Eu gosto da escola, e a ideia de nunca mais me poder sentar numa carteira com os outros alunos faz-me vir lágrimas aos olhos. Mas tenho de o suportar; há outras coisas à minha espera, e muitas delas serão, sem dúvida, bem piores.



Sinais em alemão e em checo num parque infantil de Praga, 1939. No sinal mais acima pode ler-se: «Interdito a Judeus».



1 de setembro de 1939

Estalou a guerra. Ninguém ficou surpreendido. Tendo em conta o desenrolar dos acontecimentos, já estávamos a contar com ela. Por mais horrenda que seja a perspectiva de que isto possa conduzir a uma guerra mundial, ela é a nossa única esperança — não só para nós mas também para todos os povos escravizados — num amanhã mais feliz.

*

Antes do meu regresso de férias, o meu pai inscreveu-me num grupo para que eu pudesse continuar os meus estudos. Não é como andar na escola, mas estou a habituar-me e começo a gostar desta nova forma de aprender. O nosso grupo é composto por cinco raparigas judias. Os nossos professores são dois jovens estudantes que tiveram de desistir dos seus estudos pela mesma razão do que nós. Encontramo-nos, alternadamente, nos apartamentos uns dos outros. Em vez de uma escola, como estávamos habituados, vamos para um edifício normal; em vez de uma sala de aula, o quarto de uma criança. As carteiras foram substituídas por simples cadeiras e uma mesa; o grande quadro negro, pela pequena lousa de uma criança.



28 de outubro de 1939

Mais uma ordem perturbadora. Desta vez, para variar, não diz respeito aos judeus mas aos estudantes universitários. Todas as faculdades serão encerradas — porque alguns alunos tentaram fazer um protesto. Um deles foi morto. No funeral, houve uma repetição do protesto. Contudo, a única coisa que se conseguiu foi ver muitos dos estudantes arrastados para os campos de concentração.

As detenções nunca param. A polícia alemã, a «Gestapo», percorre Praga e prende quem muito bem entende, como eles dizem. Praga

está cheia destes homens da Gestapo, vestidos com uniformes e à civil. Eles espalham o terror por onde passam, e todos têm muito cuidado para não caírem nas suas garras. Apesar de as pessoas darem o seu melhor para manterem a distância, há muitos infelizes que são vítimas das armadilhas cuidadosamente montadas por eles. O perigo espreita a cada passo. Quando saímos de casa, nunca sabemos se vamos regressar. Por esta altura, há muito poucas famílias que não tenham um dos seus mais próximos e entes queridos num campo de concentração. Graças a Deus, até agora fomos poupados a isso.



Outono de 1940

Lentamente, fomos habituando ao novo regime. Fomos ficando atordoados e nem mesmo os decretos mais bruscos nos incomodam muito. E eles são muitos.

Todos os negócios têm de ser alemães/checos. (Alguns entusiastas levam isto demasiado a peito e só usam alemão nas suas lojas.) Foi acrescentado um aviso à ementa de todos os restaurantes, impresso em letras garrafais, para que todos o vissem: «Interdito a Judeus — *Juden nicht zugänglich*». Este sinal apareceu na entrada de todos os estabelecimentos de entretenimento, lojas de doces e barbeiros. O contacto com os judeus está a ser restringido.

Apesar disso, os meus amigos arianos não deixaram de me visitar. Trazem sempre os seus cadernos escolares, que o meu pai usa como guião, porque desde o Natal é ele quem me ensina.

Por isso, fui-me desenrascando assim durante o ano inteiro. Passei no exame da escola judaica e recebi o meu boletim de notas. Tudo A. Porque é que não me sinto satisfeita como me costumava sentir? As notas ainda me fazem feliz, mas saber que vou passar as férias que se aproximam em Praga enche-me de tristeza.

No ano passado, embora não tenha sido tão bom como o anterior, pelo menos estávamos no campo. Numa pequena vila — mais uma aldeia — chamada Cerhenice. O meu pai foi empregado numa quinta

pelo agricultor. Foi voluntariamente, como muitos outros, para não ser chamado a fazer outro trabalho manual. Ficar lá não foi, sem dúvida, o ideal, mas como não havia muitos apartamentos para férias que os judeus pudessem alugar, eu fiquei satisfeita. O caminho até ao bosque era longo e eu só fui nadar algumas vezes, no início, antes de terem publicado a proibição: «Os judeus estão proibidos de nadar no rio». E isto só para o caso, Deus não o permite, de poluírem a água antes de os arianos se poderem banhar nela. Mas os parentes com quem nós ficámos tinham um grande jardim e uma piscina — pequena, mas ainda assim uma piscina. Quatro dos meus primos afastados viviam na aldeia, e os nossos outros familiares tinham duas filhas. Por isso, éramos sete, o suficiente para brincarmos à vontade.

Passámos bons momentos nesse verão e, ainda assim, não fiquei satisfeita. As férias não tinham sido como as outras. O que eu não daria agora para poder ir nem que fosse para lá! Mas tal não é possível. Os judeus não se podem afastar mais de trinta quilómetros do local de residência. Praga no verão, ruas poeirentas, ui! Estas vão ser as primeiras férias que passo em Praga.

Estes pensamentos giram na minha cabeça; foi por isso que o meu boletim de notas não me trouxe qualquer alegria. Mas e depois: há crianças que nunca foram ao campo. Porque não haveria de ir uma vez? Afinal de contas, é só uma vez. Para o ano, as férias serão melhores. Claro que serão; afinal de contas isto não vai durar para sempre.



Verão de 1941

E as férias chegaram. Todas as crianças arianas partiram. A única das minhas amigas a ficar foi a Eva — mas não a Eva do nosso prédio; essa já não é minha amiga, já não o é há muito tempo. Desde que Hitler chegou que ela me olha de cima; provavelmente, acha-se melhor do que eu. Se isso a deixa feliz, não lhe vou estragar os planos.

Portanto, só ficou a Eva. Passamos o dia inteiro juntas. O prédio dela tem um jardim pequeno onde brincamos. A parte que está à sombra faz

as vezes de uma floresta; o alguidar cheio de água, as do rio. Brincamos durante dias sem fim e somos muito boas amigas. Os nossos pais também se tornaram próximos. Ao domingo, quando está bom tempo, fazemos pequenas viagens juntos. Quando este está mau, visitamo-nos uns aos outros. Vimos pouco depois do almoço e ficamos juntos até bem tarde, ou seja: até um quarto para as oito, porque depois das oito não podemos andar na rua. Nunca queremos ir para casa e ansiamos sempre pelo dia seguinte, quando nos voltaremos a encontrar. Assim passam os dias, um atrás do outro; as noites tornam-se mais curtas; o ar mais frio. As férias estão a aproximar-se do fim.



Passaram tão depressa. Não foram assim tão más em Praga; eu tinha imaginado que elas seriam muito piores. As crianças estão a regressar das suas férias; a escola vai começar em breve. Mal posso esperar. Vou de novo para um grupo. Estou curiosa em relação ao nosso novo professor, aos nossos estudos e aos meus colegas. Porque é que o tempo se arrasta tanto? Estou a contar os dias para o novo ano escolar.



31 de agosto de 1941

Finalmente: a escola começa amanhã. Durante muito tempo não consigo adormecer; estou a pensar. Será que vou gostar do grupo; será que as aulas vão ser difíceis? Como serão os meus colegas? Haverá rapazes? Muitas perguntas e nada de respostas. Ando às voltas na cama e não consigo dormir. Ouço o relógio a bater as onze. Continuo sem conseguir dormir. Agora tenho medo de amanhã não estar descansada. Tento obrigar-me a adormecer. Conto até cem, mas isso não ajuda. Mais uma vez, e outra vez, estou a adormecer...

O meu sono é inquieto; viro-me para um lado e para o outro, e tenho sonhos estranhos. De manhã, sou a primeira a levantar-me; tenho medo de me atrasar e não consigo ficar na cama. Ainda há tempo mais

do que suficiente até termos de sair e eu já estou pronta. Apresso o meu pai que me deveria acompanhar. Porque é que se ele está a mexer tão devagar? Está a demorar o seu tempo a fazer tudo e eu vou chegar atrasada!

Por fim, o pai está pronto e nós saímos. Vamos apanhar o elétrico. Não é longe, apenas três paragens. Meu Deus, hoje tudo se arrasta. O elétrico move-se tão devagar; quem me dera que já lá estivéssemos. Está na hora de sair! Salto do elétrico, da última carruagem — onde mais, claro! Decerto não na da frente? Essa é só para os arianos.

Entramos no edifício cujo número nos havia sido dado e paramos junto a uma porta no segundo andar. O meu coração está a bater rapidamente quando a mão do meu pai toca à campainha. Sinto-me como uma miudinha a ir para a escola pela primeira vez. A porta abre-se, lentamente, e revela uma mulher jovem, a minha futura professora. Observo-a com um olhar curioso. Depois de uma curta conversa com ela, o meu pai vai-se embora, deixando-me ali sozinha. A professora leva-me para a sala dela, a nossa sala de aulas. Há uma mesa comprida e dez cadeiras. Então seremos dez, calculo. Pensei que ia ser a primeira, mas já cá está um rapaz, o meu futuro colega de turma.

Sento-me numa das cadeiras e olho em redor da sala. O tempo arrasta-se. Troco vários olhares de relance com o rapaz, mas ainda não falámos um com o outro. E, agora, as portas voltam a abrir-se e entram três rapazes. E depois mais um e outros dois. Meu Deus, vão ser só rapazes? Eles conhecem-se todos; vinham cá, todos, no ano anterior. Têm imenso de que falar e quase não reparam em mim.

Observo-os, curiosa. Não conheço nenhum deles. Ou conheço? Este, se não me engano, é o Honza. Conhecemo-nos há vários anos, quando andámos juntos no 1.º Ano, e ali, aquele deve ser o Jirka. Fizemos o exame juntos. Pouco depois, entra uma rapariga. Relaxo — os meus medos revelaram-se infundados. Começo rapidamente a falar com ela. Entra mais um rapaz. São nove horas e a aula começa.

Durante o intervalo apresentamo-nos. Já me sinto em casa. Sei o nome de cada um deles; tenho de os repetir, uma e outra vez, para não os esquecer. O que está sentado ao meu lado é o Petr, depois está o Jirka e a seguir aquele — como é que se chama? Ah, aquele é o Pavel, depois mais um Jirka e o Honza. Depois deles está um segundo

Pavel, ao lado dele o Luki e o vizinho, o miúdo pequeno, que tem um nome estranho: Aristides. Chamamos-lhe Ari. Depois estamos eu e a Rutka. Este é o nosso grupo. Vou ter de repetir mais algumas vezes — talvez isso me ajude a recordar.

Depois do intervalo, tivemos mais uma aula e, de seguida, despedimo-nos com um alegre «Até amanhã». Apressei-me a ir para casa, onde a minha mãe me esperava; ela estava curiosa por saber se eu tinha gostado do grupo. Depois de almoço, vou ter com a Eva — ela esteve no seu grupo pela primeira vez, hoje, por isso vamos ter muito de que falar. Às três — a hora a que é permitido os judeus fazerem compras —, vamos comprar alguns artigos escolares. Estou ansiosa pelo dia de amanhã.



5 de outubro de 1941

Passou um mês. Sinto-me completamente à vontade com o grupo. Quanto ao resto, nada mudou. De manhã, vou para a escola e regresso ao meio-dia, embora terminemos as aulas às onze. Isso porque o grupo vai todo para o parque infantil — o judeu, claro. Entretanto, o pai está em casa, a cozinhar. Isto pode soar um pouco estranho, mas quase todos os judeus o fazem. Que mais haveriam eles de fazer durante todo o dia? Afinal de contas, já lá vão três anos desde que perderam os empregos. É maravilhoso o progresso que fizemos em três anos. Antes, o meu pai não conseguia fazer sequer um chá e agora já faz sobremesas e almoços completos, sozinho. Ele e o pai da Eva competem para saberem quem consegue fazer as limpezas mais depressa e visitam-se para ver quem tem os soalhos mais brilhantes e o fogão e os pratos mais cintilantes.

Depois do almoço, quando acabo os meus trabalhos de casa, vou passear com a Eva, normalmente até ao parque infantil judaico. Estamos as duas a aprender inglês com o meu pai. Estou a sair-me bem e gosto de cada nova palavra que aprendo. Sinto que poderíamos sobreviver

a mais alguns anos nesta vida. Mas, infelizmente, os alemães acham que estamos demasiado bem e pensam agora em novas formas de apimentar a nossa vida pacífica. Desta feita, tiveram uma grande ideia, de que até a Idade Média sentiria orgulho! Rotular de forma visível os judeus. Estrelas! De um amarelo vivo, com a palavra «JUDE».

São quase um quarto para as nove. Visto, rapidamente, o casaco, olho de relance para o espelho para ver como salta à vista a nova estrela amarela, e já são mais do que horas de eu ir para a escola. O meu pai está à espera; quem sabe como se comportarão os arianos quando nos virem marcados desta forma. É por isso que, ao contrário do que é normal, hoje ele vai comigo. A primeira pessoa com a qual nos cruzamos é o porteiro do nosso prédio. Porque é que ele nos fita daquela forma? Mas claro: ele tem de ver como nos ficam os nossos novos emblemas.

Na rua, deparamo-nos com diversos tipos de olhares. Uma pessoa pode passar sem prestar atenção, pelo menos aparentemente (ninguém consegue resistir a dar uma espreitadela); outra sorri, com simpatia ou de forma encorajadora; no caso de uma terceira, um sorriso trocista e retorcido sai-lhe pela boca. Por vezes, somos obrigados a ouvir comentários, mas já estamos habituados a isso. Entramos no elétrico, subimos para a última carruagem. Aqui as coisas parecem um pouco diferentes: uma estrela após outra. E, quando nos aproximamos do centro da cidade, esta está absolutamente apinhada de estrelas. Chegamos à nossa paragem. Garanto ao meu pai que ele não tem de me vir buscar. Não tenho medo de regressar a casa sozinha; consigo perceber que não vai acontecer nada. A reação não foi tão forte quanto os alemães tinham imaginado.

Na escola, todos nos gabamos de ter a estrela mais bem cosida. Embora não seja agradável ter de a usar, fazemos pouco caso disso. Já nos habituámos às outras coisas; vamos habituar-nos a isto.

De facto, não aconteceu nada e cheguei a casa em segurança.

À tarde, vou dar um passeio com a Eva. Hoje não vamos ao parque infantil — mantemo-nos deliberadamente nas ruas movimentadas. Diverte-nos encontrar outros judeus. Eles sorriem sempre, como se dissessem: «Fica-nos bem, não fica?» Contamos as estrelas com que

nos cruzamos e competimos para ver quem consegue determinar um maior número. Andamos alegremente e rimos alto. Os alemães que vejam que nós não estamos chateadas. Apresentamos rostos deliberadamente alegres e obrigamo-nos a rir; deliberadamente, para os irritar.

*



Alunos judeus em Praga, usando a estrela amarela.

Passou mais um mês. As estrelas tornaram-se algo que tomamos como garantido, como se sempre as tivéssemos usado. Mas uma coisa nova vem perturbar as famílias judaicas. É horrível; nunca antes houve nada assim. Ninguém sabe nada de concreto, as pessoas pressentem-no, apenas. Supostamente vai haver *transports*. Esperemos que isto não seja verdade. Não, decerto não será verdade, não pode ser! Basta que alguém se lembre disso que as notícias espalham-se como um incêndio descontrolado. Ainda assim, todos preferem estar preparados. Não podemos saber o que vai acontecer, e é melhor estarmos prontos, e não irmos a lado nenhum, do que sermos transportados de forma inesperada. E assim, os apartamentos dos judeus estão a tornar-se, lentamente, ou melhor, bastante depressa, em armazéns de coisas necessárias para a viagem.